

REVISTA **BARBAQUÁ**

ISSN: 2526-9461
 V. 6, publicação contínua,
 P. 1-13, e9057, 2024.
 DOI: <https://doi.org/10.61389/bbq.v6.e9057>

Recebido em: 15/08/2024
 Aceito em: 03/12/2024

1

Universidade Estadual de
 Mato Grosso do Sul (UEMS).
 Doutor em Educação (UNESP).
Orcid: 0000-0002-1348-3131
E-mail: elianecerdas@uems.br

2

Universidade Estadual de
 Mato Grosso do Sul (UEMS).
 Graduada em Letras.
Orcid: 0000-0001-5315-6074
E-mail: nubea.xavier@uems.br

3

Universidade Estadual de
 Mato Grosso do Sul (UEMS).
 Doutor em Educação.
Orcid: 0000-0002-5486-3130
E-mail: wilker.solidade@uems.br

4

Universidade Estadual de
 Mato Grosso do Sul (UEMS).
 Doutora em Educação.
Orcid: 0000-0003-4176-0412
E-mail: kelly.sakata@uems.br

Relato de experiência

HISTÓRIA E CULTURA DE PRETAS (OS): APROXIMAÇÕES ENTRE UEMS E O QUILOMBO SÃO MIGUEL EM MARACAJU/MS

HISTORY AND CULTURE OF BLACK PEOPLE: APPROXIMATIONS BETWEEN UEMS AND QUILOMBO SÃO MIGUEL IN MARACAJU/MS

HISTORIA Y CULTURA DE LOS NEGROS: APROXIMACIONES ENTRE UEMS Y QUILOMBO SÃO MIGUEL EN MARACAJU/MS

Eliane Cerdas¹

Nubea Rodrigues Xavier²

Wilker Solidade da Silva³

Kelly Leticia da Silva Sakata⁴

Resumo

A proposta de extensão foi realizada no curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), em parceria com o quilombo São Miguel, da cidade de Maracaju, tendo como objetivo aproximar a história e a cultura dos povos remascentes às/aos acadêmicas de educação. A ação justifica-se pela necessidade de se conhecer mais sobre a comunidade por meio de narrativas sobre ancestralidade, contribuições, história e organização coletiva do povo negro na região da serra de Maracaju. Como embasamento teórico, recorreu-se a autores como Gomes e Carneiro para discorrer sobre a divisão racial e como crítica do ideal da branquitude, compreendendo a emancipação como construção de saberes a partir de uma coletividade. Com relação aos procedimentos metodológicos, foi feita uma visita

HISTÓRIA E CULTURA DE PRETAS (OS): APROXIMAÇÕES ENTRE UEMS E O QUILOMBO SÃO MIGUEL EM MARACAJU/MS

técnica como formas práticas de implementar e contextualizar a aprendizagem em espaços não-formais. Como resultados, obteve-se o reconhecimento e a valorização da história e da cultura da população afrodescendente em espaços remanescetes de quilombo.

Palavras-chave: afrodescendentes; saberes tradicionais; sustentabilidade.

Abstract

The extension essay was carried out in the Pedagogy course at the State University of Mato Grosso do Sul/UEMS in partnership with the São Miguel quilombo in the city of Maracaju, with the aim of bringing the history and culture of the remaining peoples closer to education academics. The action is justified by the need to learn more about the community through narratives about ancestry, contributions, history and collective organization of black people in the Maracaju mountain region. As a theoretical basis, authors such as were used; Gomes and Carneiro to discuss racial division from the perspective of work and as a critique of the ideal of whiteness, understanding emancipation as the construction of knowledge from a collective, for methodological procedures a technical visit was used as practical ways of implementing and contextualize learning in non-formal spaces. As a result, the history and culture of the Afro- descendant population in quilombo remnants was recognized and valued.

Keywords: people of African descent; traditional knowledge; sustainability.

Resumen

La extensión se realizó en el curso de Pedagogía de la Universidad Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS en colaboración con el quilombo de São Miguel de la ciudad de Maracaju, con el objetivo de acercar la historia y la cultura de los restantes pueblos a la educación. académica. La acción se justifica por la necesidad de conocer más sobre la comunidad a través de narrativas sobre la ascendencia, los aportes, la historia y la organización colectiva de los negros en la región montañosa de Maracaju. Como base teórica se utilizó a autores como Gomes y Carneiro para discutir la división racial desde la perspectiva del trabajo y como crítica al ideal de blancura, entendiendo la emancipación como la construcción de conocimiento a partir de un colectivo, para los procedimientos metodológicos se utilizó una visita técnica como formas prácticas de implementar y contextualizar el aprendizaje en espacios no formales. Como resultado, se reconoció y valoró la historia y la cultura de la población afrodescendiente en los remanentes de quilombos.

Palabras clave: personas de ascendencia africana; conocimientos tradicionales; sostenibilidad.

INTRODUÇÃO

O projeto visou promover a aproximação entre a universidade e o quilombo São Miguel na cidade de Maracaju/MS, viabilizando reflexões e práticas antirracistas sobre as contribuições do povo negro, sua ancestralidade, história e organização coletiva por meio de quilombo.

A ação buscou promover aos acadêmicos do curso de Pedagogia compreensão dos componentes curriculares do 4º ano – História e Cultura Afrodescendentes, sob a responsabilidade da professora Dra. Nubea Rodrigues Xavier; Metodologia de Ensino do 3º ano; Ensino de Matemática, professor Dr. Wilker Soledad da Silva; História e Geografia, professora Dra. Kelly Leticia da Silva Sakata; e Ciências, professora Dra. Eliane Cerdas – referentes a práticas que se vinculassem aos saberes etnomatemáticos, economia solidária, ecologia, preservação e sustentabilidade, além da ancestralidade e cultura de pretos, possibilitando identificar aspectos do aprendizado que vão além da sala de aula e das disciplinas ministradas, oportunizando maior conhecimento de uma comunidade quilombola, com modos de vida e saberes diferentes daqueles forjados com base em conhecimentos eurocêntricos e de branquitude, conforme ressalta Carneiro (2011). Nossa sociedade não tem identidade racial, desencadeando uma confusão racial que deve ser aceita como natureza dos negros e de hegemonia de um pacto de branquitude, segundo dispõe Cida Bento (2022, p. 24-25):

Trata-se da herança inscrita na subjetividade do coletivo, mas que não é reconhecido publicamente. O herdeiro branco se identifica com outros herdeiros brancos e se beneficia dessa herança, seja concreta, seja simbolicamente; em contrapartida, tem que servir ao seu grupo, protegê-lo e fortalece-lo. Este é o pacto, o acordo tácito, o contrato subjetivo não verbalizado: as novas gerações podem ser beneficiárias de tudo que foi acumulado, mas têm que se comprometer “tacitamente” a aumentar o legado e transmitir para as gerações seguintes, fortalecendo seu grupo no lugar de privilégio, que é transmitido como se fosse exclusivamente mérito. E no mesmo processo excluir os outros grupos ‘não iguais’ ou não suficientemente meritosos.

Em nossa sociedade, o racismo se manifesta de várias maneiras, o que ocorre por inúmeros motivos, incluindo o histórico evento colonizador, que

deixou heranças históricas e discriminatórias, perpetuando um legado e dando base para que formas de relações de poder outras também apareçam como resistência.

Considerou-se como procedimento metodológico a visita técnica realizada em ambiente não-formal de aprendizagem, que instigou e estimulou aprendizagem mais significativa, conforme aponta Moreira (2012), com ideias feitas de maneira simbólica, que interagem de forma substantiva e não-arbitrária com aqueles conhecimentos trazidos pelos acadêmicos de Pedagogia.

A finalidade dessa aproximação da universidade UEMS de Maracaju com o quilombo de cidade considerou problematizar, entre os acadêmicos do curso de Pedagogia, questões sociais sobre as relações étnico-raciais, tratando-se “[...] de levar em consideração que as principais mudanças sociais advindas do amplo repertório de políticas sociais, assim como da própria presença negra” (Gadea, 2013, p. 101).

MARCOS HISTÓRICOS E DISPOSITIVOS LEGAIS SOBRE QUILOMBOS

No Brasil, os quilombos significam uma forma de resistência e luta organizada, feita por africanos escravizados e de seus descendentes, visto que o sistema colonial-escravista durou mais de trezentos anos, implementando-se uma lei que não permitiu que os ex-escravizados tivessem condições mínimas de sobrevivência, como dispõe Nascimento (1980). Desse modo, eles sempre se colocaram em combate contra a condição de subalternizados, o que se concretizou por meio de várias formas de resistência, como a República de Palmares, a Revolta dos Alfaiates, a Balaiada, a Revolta dos Malês.

A partir da década de 1980, discursos, pesquisas e dispositivos político-administrativos começaram a exigir dos Governos Federal, Estadual e Municipal reconhecimento dos seus direitos territoriais, étnicos e culturais, com pressões e mobilização dos coletivos sobre seus direitos sociais e políticos.

A luta do Movimento Negro foi um dos responsáveis pela reparação social, principalmente após a promulgação da Constituição de 1988, com seus artigos 25 e 216, em que a percepção do que seria um quilombo é retomada e ganha novo sentido, obtendo a contribuição de grupos negros ao patrimônio cultural.

O século XXI despontou com crescente debate sobre as políticas de promoção da igualdade das relações étnico-raciais. Um marco para demarcar a existência de preconceito e invisibilidade negra foi a III Conferência

HISTÓRIA E CULTURA DE PRETAS (OS): APROXIMAÇÕES ENTRE UEMS E O QUILOMBO SÃO MIGUEL EM MARACAJU/MS

contra o racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerâncias correlatas, ocorrida no ano de 2001, em Durban, na África do Sul (Santos, 2014).

Tal evento resultou em constantes discussões e embates sobre direitos e condições sociais de negros em nosso país. De acordo com Leite (1999), a conquista de terras e suas comunidades tem sido, desde o período colonial até os dias atuais, uma longa etapa de marginalização social vivenciada por negros:

A expressão comunidade remanescente de quilombos, portanto, reapareceu, no final da década de 80, não apenas para descrever um processo de cidadania incompleto. Veio também sistematizar um conjunto dos anseios por mudanças de parte da sociedade brasileira. Veio solicitar a proteção, por parte do Estado, das terras e manifestações culturais populares, indígenas e afro-brasileiras (Leite, 1999, p. 130).

A partir disso, o quilombo passou a ser repensado politicamente, ofertando possibilidades para as populações negras rurais, que, historicamente, sofreram marginalizações quanto ao direito de reconhecimento de uma ancestralidade. Conforme dispõe Gusmão (1991, p. 31),

As comunidades negras moldaram sua face no caráter das relações que historicamente estabeleceram com a terra; com a forma reproduzir a vida material e simbólica. Assim, o espaço de produção da vida material mesmo enfrentando situações adversas, resistiu e tem resistido. Resistir não constitui porém, um ato aleatório: resultou do “saber” construído como membro de um grupo, membro da coletividade.

Para Anjos (2009, p. 108), as comunidades quilombolas conquistaram certa autonomia política, econômica, com alguma identidade territorial, de forma que o quilombo dos dias atuais “[...] deve estar associado uma interpretação mais ampla, não somente de resistência no passado, mas, sobretudo, no presente”. O território quilombola, além de potencializar os aspectos táticos referentes à sua localização e ao seu processo de resistência na terra, também elabora relações estratégicas com o meio ambiente, visando à conservação da biodiversidade vinculada ao seu território.

Ademais, somadas a essa luta, há as legislações que ampararam as ações de resistência e atendimento educacional, com destaque às Leis 10639/2003, 11.645/2008, 12.288, ao Parecer CNE/CEB nº 16/2012, às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola e à Resolução CNE/CEB nº 08/2012. A Educação Escolar Quilombola, como uma modalidade da Educação Básica, é definida pela Resolução nº 08, de 20 de novembro

HISTÓRIA E CULTURA DE PRETAS (OS): APROXIMAÇÕES ENTRE UEMS E O QUILOMBO SÃO MIGUEL EM MARACAJU/MS

de 2012, e “[...] destina-se ao atendimento das populações quilombolas rurais e urbanas em suas mais variadas formas de produção cultural, social, política e econômica” (Brasil, 2012, p. 3). Quilombos são “[...] grupos étnico-raciais definidos por autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica” (Brasil, 2012, p. 4).

Acerca da Lei 10.639/03, deve-se ressaltar que inúmeras trajetórias de educação de afrodescendentes, bem como de educadores, antes dessa legislação, foram de desigualdades raciais e preconceito, o que significa pensar que esses indivíduos tiveram que ter ainda mais esforços pessoais para acesso e permanência na escola. Mesmo com as conquistas dos dispositivos legais, podemos considerar que o movimento quilombola ainda necessita alcançar condições mínimas de sobrevivência, com o fim de ameaças ou invasões a seus territórios e o reconhecimento do direito à propriedade.

O CURSO DE PEDAGOGIA DA UEMS E O QUILOMBO SÃO MIGUEL DE MARACAJU

A partir dos aspectos discutidos, os objetos de conhecimento História e Cultura Afrodescendente e Metodologias, do curso de Pedagogia, foram organizados com vistas a aproximar as reflexões e discussões sobre o lugar social do negro, por meio do projeto de extensão História e cultura de pretas (os): aproximações entre UEMS e o Quilombo São Miguel na cidade de Maracaju/MS da Universidade Estadual de Mato do Sul, propondo uma visita ao Quilombo São Miguel, situado a oitenta quilômetros da cidade de Maracaju.

De acordo com o trabalho de conclusão de curso de Fonseca e Xavier (2022), o nome é uma homenagem ao santo, cuja imagem em ouro foi enterada na fazenda Chapada. Os negros pioneiros foram o casal formado pelo Sr. Pedro da Cruz dos Santos e pela Sra. Francisca, que chegaram em Mato Grosso do Sul em 1905 e geraram a Sra.s Joaquina, que se casou com o Sr. Manoel Lourenço Gonçalves e se estabeleceram na fazenda na região de Maracaju, na divisa com Nioaque. Em 1941, eles adquiriram as terras do quilombo e, em 2005, receberam o título definitivo da terra. No dia 31 de maio de 2006, a Sra. Joaquina, fundadora da comunidade, faleceu com 109 anos.

Atualmente, há 53 grupos familiares que trabalham na agricultura familiar, com destaque para a produção de verduras, legumes, mel, pamonha e criação de gado, com os próprios recursos, e atendem à demandade me-renda das escolas municipais em Maracaju/MS, tendo como princípios os

cuidados com o meio ambiente e a preservação permanente sem o agronegócio.

O cotidiano da comunidade remanescente quilombola nem sempre foi conhecido pelos demais moradores da cidade de Maracaju, por isso, organizou-se uma visita ao quilombo São Miguel para que os acadêmicos reconhecessem a ancestralidade e a história dos quilombolas, bem como implementassem saberes do processo histórico em sua formação enquanto educadores e cidadãos maracajuenses.

A justificativa deste projeto de extensão se ancora nos estudos de Carneiro (2011) e Gomes (2017), visando romper com “os eufemismos, silenciamentos que historicamente vêm mascarando as desigualdades raciais” (Carneiro, 2011, p. 161), por meio de momentos de discussão, reflexão e análise da nossa conjuntura social pelos acadêmicos e professores.

Para a visita técnica, organizou-se uma roda de conversa com o líder da comunidade contando a história da matriarca e de seus ancestrais, bem como uma feira com exposição dos produtos advindos da produção familiar do quilombo, ofertando elementos para a compreensão da história e da origem do quilombo São Miguel.

Para os objetos de conhecimento de Metodologias, abordou-se quais tipos de jogos e/ou brincadeiras estavam relacionados aos saberes africanos, além de discorrer sobre a necessidade de valorização da cultura e da história local e elencar quais objetos de conhecimento são produzidos pelos quilombolas acerca da manutenção e ao cuidado com o meio-ambiente. Como ação da visita, a comunidade promoveu uma trilha ecológica até uma nascente de rio, finalizando com a visita à horta que atende às escolas municipais de Maracaju, com exposição dos itens produzidos no quilombo, em uma feira para comercialização de hortifrutis, temperos, frutas e artesanato, possibilitando a troca, a interação e a cooperação mútua entre universidade e quilombo.

O passeio também teve como objetivo promover o reconhecimento do papel importante da conservação, como garantia de que a comunidade obtenha sua estabilidade econômica, social e cultural. Para as questões de localidade e espaço geográfico, os acadêmicos refletiram e compreenderam sobre a história e a cultura da localidade quilombola, bem como sua contribuição patrimonial e artística.

O QUE A CULTURA DE PRETOS PERMITIU QUE OS ACADÊMICOS APRENDESSEM

HISTÓRIA E CULTURA DE PRETAS (OS): APROXIMAÇÕES ENTRE UEMS E O QUILOMBO SÃO MIGUEL EM MARACAJU/MS

O projeto de extensão envolveu 15 integrantes do quilombo São Miguel, 39 acadêmicos e 4 docentes do curso de Pedagogia, sendo realizado no período de junho a agosto de 2023, com a visita no dia 01 de julho, sábado, das 7h ao meio-dia, envolvendo 3 turmas do curso de Pedagogia, disciplina de História e Cultura Afrodescentes, do 4º ano, e disciplinas de Metodologia de História, Geografia, Matemática e Ciências, do 3º ano. Teve-se como propósito que os acadêmicos produzissem, no mês de agosto de 2023, relatórios e planos de trabalho sobre desenvolvimento das atividades de metodologia de ciências, geografia e matemática envolvendo as questões vinculadas à Lei 10639/03, em consonância com a aplicabilidade da visita técnica.

A atuação interdisciplinar do projeto de extensão almejou apontar como os saberes tradicionais podem ser compartilhados pela comunidade quilombola de forma que haja maior integração entre conhecimentos científicos tradicionais intercambiada pelos objetos de conhecimento e suas potencialidades, confirmando os preceitos de Fazenda (2008) de que a aprendizagem deve ter uma dimensão antropológica, embutindo e influenciando atitudes, ações e comportamentos, e ampliando o espaço epistemológico na formação docente e no perfil profissional interdisciplinar.

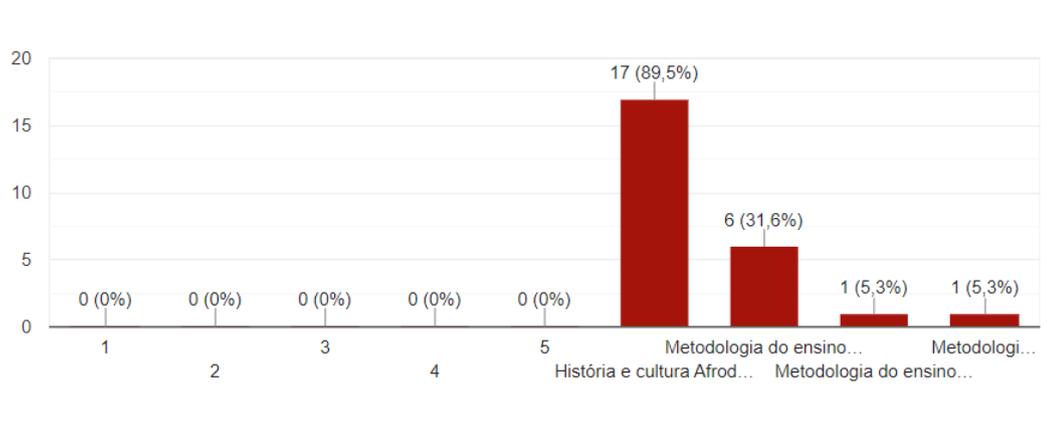
Como critérios de avaliação, houve uma ação processual e contínua durante todo o desenvolvimento da ação de extensão. Os acadêmicos tiveram que acompanhar a organização das etapas, com escrita de planejamento e proposta de atividade, e posterior análise final da

atividade efetuada. Foi aplicada uma avaliação, disponibilizada aos participantes por meio da ferramenta Google Docs, obtendo-se 19 devolutivas. Os participantes foram unânimes em considerar adequados os critérios de atendimento às diretrizes das ações de extensão para a UEMS – promover uma relação social de impacto entre universidade e outros setores da sociedade, de modo transformador, com o intuito de melhorar a qualidade de vida e a superação da desigualdade e da exclusão –, conforme observado no Gráfico 1:

**Gráfico 1** – Atendimento aos critérios de extensão

Fonte: Elaboração dos autores.

Na sequência, solicitou-se que apontassem quais objetos de conhecimento tinham maior relação com ancestralidade, identidade afrodescendente, ecologia, geologia, saberes sobre plantas e preservação do meio ambiente, economia solidária, agricultura familiar e preservação, saberes ancestrais matemáticos comparados com a matemática tradicional, conhecimentos aplicados à economia coletiva, geometria e economia familiar (hortas, planejamento espacial), educação quilombola e agroecologia. Assim, deveriam indicar quais poderiam ser adequadas e aplicáveis na vinculação dos componentes curriculares aos planos de ensino das disciplinas, às legislações e aos dispositivos legais orientadores e à proposição do projeto de extensão, o que pode ser observado no Gráfico 2.

**Gráfico 2** – Componentes curriculares e objetos de conhecimento

Fonte: Elaboração dos autores.

A avaliação dos participantes apontou que os saberes tradicionais quilombolas aprendidos durante a visita técnica poderão ser aplicadas em sua maioria (89,5%) no componente História e Cultura Afrodescendentes e Povos Itinerantes, 31,6% e em Metodologia de Ensino de História e Geografia.

fia, restando 5,3% para as Metodologias de Ciências e Matemática. Esse resultado mostra que ainda há necessidade de compreensão acerca dos saberes ancestrais matemáticos junto à matemática tradicional, bem como dos conhecimentos advindos da economia coletiva, da geometria, relacionados à economia familiar (hortas, planejamento espacial). Percebe-se que há uma boa compreensão sobre a aplicabilidade das temáticas vivenciadas na visita técnica, todavia, há pouca indicação dos objetos de conhecimento de Ciências e Matemática descritos na avaliação.

As colunas apresentadas nos gráficos estão, em sua maioria, relacionadas ao componente específico de História e Cultura Afrodescendente, não vinculando as demais temáticas às Metodologias de História, Geografia, Ciências e Matemática. Tal resultado implica em dizer que as tecnologias ancestrais por meio dos saberes quilombolas ainda precisam ser vistas pelos acadêmicos de Educação com uma transversalidade, de forma a interseccionar o ensino científico e o conhecimento empírico dos saberes tradicionais. Embora se trate, por exemplo, de ecologia, geologia e preservação do meio ambiente, podemos relacionar os conhecimentos aos demais componentes curriculares, sem que sejam estanques ou direcionados, não ficando somente a área específica do conhecimento.

Os acadêmicos poderiam considerar, para interdisciplinaridade da Metodologia de Ciências, os animais que apareceram durante a caminhada até a nascente do rio, os tipos de pedras, a forma de sobrevivência desses animais, que, por sua vez, se relacionam com os conhecimentos históricos e geográficos desse espaço remanescente de quilombo, com as formas destinadas à organização e à sistematização dos conhecimentos descritos pelos moradores, ligados ao modo do bem-viver¹ e aos saberes matemáticos tradicionais. No caso dos espaços físicos da horta e da produção de mel, a geometria pode ser aplicada, de maneira transversal e sustentável, com uma aprendizagem pautada em questões sociais, culturais e regionais.

Sobre essa questão, D'Ambrosio (1998) aponta que todo grupo étnico vai, ao longo dos tempos, produzindo formas distintas de conhecimentos em suas práticas diárias, de maneira que todos os conhecimentos vistos na trilha, na roda de conversa, na feira de artesanato são como um produto cultural, considerando as influências do meio em que se vive, somadas às formas de pensar, falar ou se comportar, elaborando os costumes de cada povo, por meio de suas raízes culturais.

¹ Bem-viver: conceito africano do Ma'at, relacionado a uma nova forma de se organizar coletivamente e de viver no mundo, a partir de visões e práticas ancestrais.

Ao evidenciar os saberes tradicionais, pode-se ter novas perspectivas além de conhecimentos específicos e interdisciplinares para as diversas áreas do conhecimento social, científico, político e ecológico, construindo formas simbólicas e afetivas do quilombo como parte de um processo cultural e patrimonial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação ensino, pesquisa e extensão se fez pela interlocução das áreas afins e com alinhamento e aprofundamento dos componentes curriculares com os saberes tradicionais, permeados pelas atividades de planejamento e de elaboração de projeto pelos acadêmicos e docentes, que tiveram a oportunidade de realizar uma escuta sobre os modos do bem-viver dos residentes do quilombo São Miguel, com suas rotinas e suas ancestralidades de saberes africanos.

A visitação disponibilizou diálogo e aproximação do conhecimento obtido em âmbito universitário com os saberes múltiplos e multiculturais de uma comunidade quilombola, ampliando uma história de resistência e de valor étnico e diverso. Nessas terras remanescentes de São Miguel, são produzidas verduras, legumes, frutas, mel, bonecas negras, temperos, farinhas e doces. O local é margeado por rio, com flora conservada e constante circulação de animais, num espaço onde convivem várias famílias que compartilham de saberes sociais e culturais que traduzem marcas identitárias e fortalecem suas identidades quilombolas. Trata-se de um lugar reservado para o bem-viver, que é uma forma de se contrapor ao capitalismo, tendo uma vivência comprometida com o meio ambiente e a coletividade, segundo ensina Nêgo Bispo (2021):

Na minha compreensão há um saber orgânico, formado na composição da própria vida, que nos envolve e pertence a todos. É o saber ancestral, que anda comigo, que vem de Mãe Joana, tio Norberto, tio Nonato, das plantas, animais, pedras. Todo dia eu aprendo na minha roça. É um saber compartilhado e não posso carimbar esse saber como "meu". Digo que nenhuma universidade tem dignidade para carimbar esse tipo de saber. O que elas têm é um saber sintético.

Quanto à aprendizagem dos acadêmicos, torna-se necessária uma desconstrução dos conhecimentos advindos da colonialidade e se aproximar das vivências reais dos quilombos, de forma que ocorra uma aprendizagem significativa, em que a interdisciplinaridade seja possibilidade da desfragmentação do currículo rígido e isolado, preservando os saberes tradicionais e abrangendo as múltiplas culturas quilombolas ao conhecimento acadêmico.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. **Quilombos**: geografia africana – cartografia étnica – territórios tradicionais. Brasília: Mapas Editoras e Consultoria, 2009.

ARRUTI, José Maurício. Políticas públicas para quilombos: terra, saúde e educação. *In*: PAULA, Marilene de; HERINGER, Rosana (org.). **Caminhos convergentes**: estado e sociedade na superação das desigualdades raciais no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Boll, ActionAid, 2009. p. 75-110.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das letras, 2022.

BISPO, Nêgo. Nêgo Bispo: um guerreiro dos saberes ancestrais. [Entrevista cedida a] André Gonçalves, Maurício Pokemon, Samária Andrade, Wellington Soares e Maria Sueli Rodrigues de Sousa. **Revista Revestres**, [s. l.], dez. 2021. Disponível em: <https://outraspalavras.net/author/revistarevestres/>. Acesso em: 20 abr. 2024.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República 1988.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília, DF: Casa Civil, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 26 set. 2024.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, e dá outras providências. Brasília, DF: Casa Civil, 2008a. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm. Acesso em: 26 set. 2024.

BRASIL. **Balancço das Ações para Povos e Comunidades Tradicionais**. Brasília, DF: Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos povos e Comunidades Tradicionais, 2008b. Disponível em: <http://www.mma.gov.br>. Acesso em: 04 jun. 2013.

BRASIL. **Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010**. Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nos 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho 22 de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003 e dá outras providências. Brasília, DF: Casa Civil, 2010. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/12288.htm. Acesso em: 26 set. 2024.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Etnomatemática**: arte ou técnica de explicar e conhecer. 4. ed. São Paulo: Ática, 1998.

FAZENDA, Ivani Catarina A. (org.). **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.

FONSECA, Luzimeire Aparecida Ferreira da; XAVIER, Nubea Rodrigues. **Relações Étnico Raciais no contexto escolar na Comunidade Quilombola São Miguel em Maracaju-MS**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – 2022.

GADEA, Carlos A. **Negritude e pós-africanidade**: críticas das relações raciais contemporâneas. Porto Alegre: [s. n.], 2013

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. A questão política das chamadas “Terras de Preto”.

Textos e Debates, Santa Catarina, ano I, n. 2, 1991.

LEITE, Ilka Boaventura. Quilombos e quilombolas: cidadania ou folclorização? **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 5, n. 10, p. 123-149, maio, 1999.

MOREIRA, Marcos. A. **Teorias da Aprendizagem**. São Paulo: EPU, 2011.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980

SANTOS, Raquel Amorim dos *et al.* História da África e dos africanos na educação brasileira: mito ou realidade no 10 anos da Lei 10.639/2003? *In*: COELHO, Wilma de Nazaré Baía (org.). **A lei 10639/03**: pesquisas e debates. São Paulo: Livraria da Física, 2014.